

RELATÓRIO FINAL DE ATIVIDADE
PROGRAMA “APRENDER COM CULTURA E EXTENSÃO”

**“MAPOGRAFIAS DE SÃO PAULO –
Construção de mapas da cidade por estudantes de segundo grau da rede pública”**



1. Projeto

O projeto apresentado para o programa em meados de 2012 sofreu uma única adaptação: de oito oficinas programadas inicialmente alteramos para seis. Esta alteração foi motivada pela avaliação dos trâmites internos na escola escolhida para o seu desenvolvimento, além das condições administrativas e operacionais necessárias para o desenvolvimento do projeto, foi avaliado também as condições de adesão, apreensão e concentração dos estudantes secundaristas no projeto. Consideramos que dois meses de trabalho seria extenso demais e os estudantes poderiam dispersar. Ao final verificamos que esta alteração foi providencial.

A seguir o projeto apresentado ao programa “Aprender com cultura e extensão” da USP da forma como revisado em janeiro de 2013 para sua efetivação na E. E. de São Paulo, localizada no centro de São Paulo

“**MAPOGRAFIAS DE SÃO PAULO** - Construção de mapas da cidade por estudantes de segundo grau da rede pública”

Prof. DR. Jorge Bassani

FAU-USP

1. finalidade e relevância do projeto de cultura e extensão para formação dos educandos envolvidos

O projeto *Mapografias de São Paulo*, agora apresentado como atividade para o programa ‘Aprender com Cultura e Extensão’, é uma proposta resultante das pesquisas em andamento no Grupo de Estudos Mapografias Urbanas - GeMAP. O Grupo está alocado no AUH sob nossa responsabilidade e desenvolve a pesquisa ‘Mapografias Urbanas’ voltada aos estudos territoriais.

A atividade de cultura e extensão consiste de praticar métodos de investigação sobre as representações de cidade feitas por jovens de escolas da rede pública. Resumindo, propomos formar um grupo de trabalho composto por cinco graduandos das áreas de arquitetura, geografia e história que atuarão como monitores perante uma turma de estudantes do nível médio de escola pública na área central de São Paulo. O grupo e ‘monitores’ conduzirá um trabalho com os secundaristas de desenhos de mapas do seu cotidiano na cidade.

É necessário esclarecer que não se trata de uma ‘oficina’, ‘workshop’ ou formatos próximos, trata-se do desenvolvimento metodológico fundamentado pelas pesquisas do Grupo. O processo de produção mapográfica acontece em seis encontros semanais com os estudantes de segundo grau. A sequência é definida por exercícios de aproximações desde os mapas de memória até experiências fundamentadas pelo fornecimento de repertórios específicos e de questões – problematizações - a serem abordadas pelos mapas.

A escola procurada para a realização da experiência, como já apontamos, será na área central de cidade, inicialmente gostaríamos de trabalhar com o **E. E. de São Paulo**. Escolhemos esta escola por sua tradição e por localizar-se no Parque Dom Pedro II, um dos objetos da pesquisa do GeMAP. Esta proximidade e a relação cotidiana com o ambiente do Parque podem fornecer leituras do ambiente urbano de grande riqueza e profundidade, paralelamente, proporciona ao adolescente novas possibilidades de observação da cidade e, principalmente, de seu posicionamento nos fluxos urbanos.

Por outro lado, a experiência proporciona ao graduando da USP envolvido no programa a possibilidade real de confrontar os conhecimentos adquiridos na academia com as perspectivas dos jovens da rede pública e com a realidade do território urbano, das possíveis interpretações de sua história e geografia.

Neste momento é importante frisar que o projeto propõe uma etapa preparatória deste grupo de ‘monitores’. Esta fase consiste em discussões com o professor responsável pelo projeto e de pesquisas iconográficas do GeMAP que servirão de bases para o trabalho com os secundaristas.

Da mesma forma, após o término das experiências em conjunto com os adolescentes, o grupo continuará o trabalho para efetivar a edição e análise do material produzido visando a síntese da experiência para a exposição na escola. Desta forma todas e todos as/os estudantes, bem como professores e direção do Colégio São Paulo, poderá interagir com o trabalho.

2. objetivos e metas a serem alcançados

Os objetivos do projeto consistem na formação de uma frente de trabalho voltada para a compreensão do ambiente urbano. Frente que proporciona aos estudantes universitários uma troca efetiva e contundente com a realidade do território, tanto físico, uma vez que os mapas serão produzidos a partir da vivência com o ambiente; como também, social, uma vez que o processo parte do diálogo com os estudantes territorializados de colégios públicos.

As metas estão ligadas à produção de representações analíticas de nossa cidade por meio dos desenhos de mapas produzidos coletivamente. Também devemos fazer referência às metas não-objetivas, quer dizer, as possibilidades de estimular no estudante, universitário e secundarista, o senso crítico e mesmo a afetividade pela cidade.

3. ações e detalhamento das atividades a serem desenvolvidas

Dividimos as ações em 3 blocos, o primeiro, a fase preparatória na qual formamos o bolsista para o trabalho com os estudantes de segundo grau. Nesta fase de discussões e apresentações de conceitos, também instruímos o graduando no sentido de pesquisas mapográficas em instituições públicas e privadas.

O segundo bloco é o trabalho efetivo de produção dos mapas com os secundaristas. Este trabalho é conduzido por ações no edifício escolar e em circuitos pela cidade. O desenvolvimento metodológico da produção dos mapas consiste de diferentes sessões de trabalho, dos desenhos de memórias de casa para escola a outros elaborados a partir de condições temáticas como os mapas do lúdico ou do ócio na cidade ou mesmo os mapas dos perigos da existência no urbano.

No último bloco o grupo de bolsistas se dedicará à digitalização e tratamento da produção gráfica dos mapas, também da edição deste material e sua análise. Por fim produzirá uma síntese de todo o processo com o objetivo de torná-la pública para escola toda, por meio de uma exposição dos mapas.

4. número de bolsistas disponibilizados para o desenvolvimento do projeto

O projeto conta com a participação de dois bolsistas da Geografia (programa “Aprender com Cultura e Extensão”) e três voluntários da FAU (GeMAP)

5. público a ser beneficiado pelas ações do projeto

Propomos o envolvimento com a comunidade da escola pública sugerida, entretanto para a correta condução do trabalho selecionaremos, em conjunto com a direção e os professores da escola visitada, uma turma de trinta alunos na faixa dos 15 aos 17 anos, definimos esta faixa etária por se tratar de pessoas que já iniciaram um contato mais especulativo e menos doméstico com a cidade.

6. prazo de execução

Cronograma

- 4 meses (agosto a novembro de 2012):
preparo de monitores e de material de trabalho / contato com a escola

- 2 meses (março e abril de 2013): Atividade no EE de São Paulo (6 semanais):
1. Conversa 2. Memória 3. Deriva 4. Mapa 5. Repertório 6. Mapas temáticos
- 1 mês (maio de 2013):
edição, digitalização, tratamento das imagens
- 1 mês (junho de 2013):
análise do material, produção de reflexão: exposição.

7. oficinas com estudantes do E. E. de São Paulo semanais com 3 horas de atividade em cada uma.

1 – Conversa: Apresentação da ‘ideia’ e os métodos de trabalho. Expor o que é uma planta e como é lida e da mesma forma, um mapa e as possibilidades dos mapas.

Ex: - marcar em plantas os percursos cotidianos
- qualificar e ‘narrar’ graficamente os percursos

2 – Memória: Mapas que trabalham a relação história/geografia, as marcas da história.

Ex: - pesquisa e diversidade gráfica dos exs anteriores, os percursos
- aproximação com o tema o lugar PDP: geografia e história

3 – Deriva: Passeio pelo Parque D. Pedro II (produzir roteiros e organização do grupo – segurança: falar com a guarda municipal)

4 – Mapa: Traçar mapas do PDP

Ex: - mapas PDP (os caminhos percorridos / coleta de materiais (fotos, desenhos, frotagens, objetos...)

5 – Repertório: Discussão aprofundada da experiência com o lugar. Incentivar tanto o aprofundamento temático como o técnico-gráfico (ou mesmo o tridimensional)

Ex: - qualificação e subjetivação dos mapas do PDP (3 desenhos: a imagem marcante em 3 escalas: do Colégio, do parque e da cidade)

6 – Mapas temáticos: Encontro – sociabilidade / riscos / utopias

Ex: - percepção da cidade e produção coletiva (lugares de encontro, os lugares de risco e a cidade que só eu vejo)

2. Atividade

Como previsto em projeto, a atividade de extensão para desenhar mapas da cidade com alunos de ensino médio da rede pública foi efetivado em três etapas ao longo de um ano de trabalho. A primeira, de “preparação”, consistiu em duas frentes, uma voltada à instrumentalização dos bolsistas quanto aos métodos aplicados nas oficinas, e outra voltada aos contatos e organização das atividades práticas no colégio São Paulo escolhido para o trabalho. Esta primeira etapa se estendeu de agosto de 2012 a março de 2013.

A segunda etapa foi a realização das oficinas na escola situada no Pque. Dom Pedro II, elas foram realizadas entre abril e maio de 2013, semanalmente nas sextas feiras das 13 às 17h00.

A etapa de finalização dos trabalhos, que contemplava o acabamento gráfico das imagens produzidas pelos secundaristas em programas de computação gráfica, foi só parcialmente realizada. Os bolsistas, os dois do curso de Geografia mostraram pouco interesse ou conhecimento para a realização deste trabalho. Se o fato de serem da Geografia muito colaborou nos trabalhos das oficinas, para a efetivação desta etapa precisamos contar com os voluntários do GeMAP, estudantes com intimidade com o trabalho gráfico.

2.1 Preparação

- Apresentação dos objetivos e metodologia para os bolsistas: 1. Conceituação de mapografia; 2. O Pque D. Pedro II como objeto de estudos; 3. O desenvolvimento dos trabalhos junto aos estudantes secundaristas, roteiro das oficinas.

Foram realizados encontros com os bolsistas duas vezes por semana entre setembro e novembro. Nesses encontros pudemos tratar das bases conceituais e metodológicas das oficinas por meio de leituras dirigidas e exposições de temas pelo professor coordenador. Paralelamente os bolsistas realizaram pesquisas históricas, principalmente iconográficas e cartográficas, para produção das exposições introdutórias a cada dia de oficina.

- Aproximação com o administrativo da E. E. de São Paulo, elaboração de agenda e processos internos para a execução do projeto, desde reserva de salas e equipamentos à seleção de alunos para participação no projeto.

Durante o segundo semestre de 2012 entramos em contato com duas escolas de ensino médio da rede pública nas mediações do Pque. Dom Pedro II, no centro da cidade, a E. E. de São Paulo, localizada na própria área e o I. E. E. Prof. Antonio Firmino de Proença, localizado na Rua da Moóca a 300 metros do parque.

O colégio São Paulo foi mais rápido nos retornos e se mostrou mais sensível ao projeto. A Firmino de Proença se interessou pela ideia, mas colocou alguns entraves na negociação. Portanto, fechamos a parceria com a E. E. de São Paulo, antes de tudo pela localização da escola no interior da área que propomos trabalhar.

A opção pelo Pque Dom Pedro foi motivada por uma grande quantidade de questões, geográficas (várzea), históricas (a origem da cidade), urbanas (parque e complexo viário), mas, principalmente, pela questão de deterioração de um trecho do centro da cidade causando a desconexão com sua zona mais populosa, a Zona Leste.

Neste sentido, o trabalho com adolescentes que vivenciam diariamente aquele ambiente garantia profundidade e veracidade a todo o projeto.

No mês de novembro fizemos reuniões com o administrativo da E. E. no sentido de definirmos a agenda trabalho e as demandas físicas para sua realização.

- Palestras ao conjunto de professores do colégio; palestra ao conjunto de alunos do segundo grau apresentando a ideia do projeto.

Antes do final do ano fizemos a primeira palestra ao coletivo de professores da escola comunicando o projeto, a finalidade desta era envolver professores no trabalho e difundir a

proposta pela escola toda. A palestra foi estruturada em três partes, a primeira descrevendo o trabalho com mapografias urbanas realizado no GeMAP, grupo de estudos locado na FAU, que estuda os mapas da cidade não só como informação objetiva e descrita, mas, também, com mapas perceptivos e narrativas da cidade e seus ambientes; a segunda parte da exposição fixou-se nos aspectos históricos e geográficos da Várzea do Carmo / Pque. D. Pedro II. A exposição terminou com a descrição detalhada da proposta de trabalho e dos conteúdos e exercícios práticos das oficinas.

A proposta de trabalho foi muito bem recebida especialmente pelos professores de geografia, artes e ciências sociais. Depois da palestra e comunicação fizemos reuniões com grupos menores de professores para conversarmos sobre o projeto e a área da cidade onde nos encontrávamos.

No início das aulas em 2013 realizamos palestras de comunicação do projeto para os alunos da escola. Para tanto foi necessária a divisão em três grupos, uma vez que o auditório não comportava todos de uma única vez. A estrutura da exposição foi semelhante a apresentada aos professores, com alguns cuidados mais didáticos levando-se em conta o repertório dos secundaristas, os próprios professores do colégio nos ajudaram na tarefa. Ao final da palestra foi feito o chamamento para interessados em participar das oficinas e as formas de seleção considerando autorização dos pais e compromissos com a direção da escola.

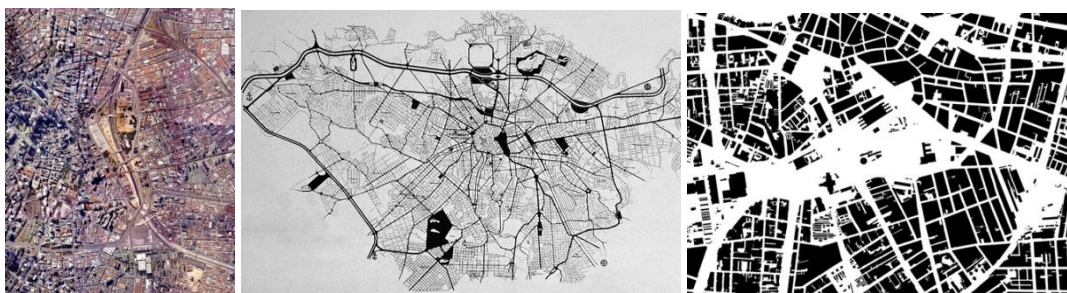
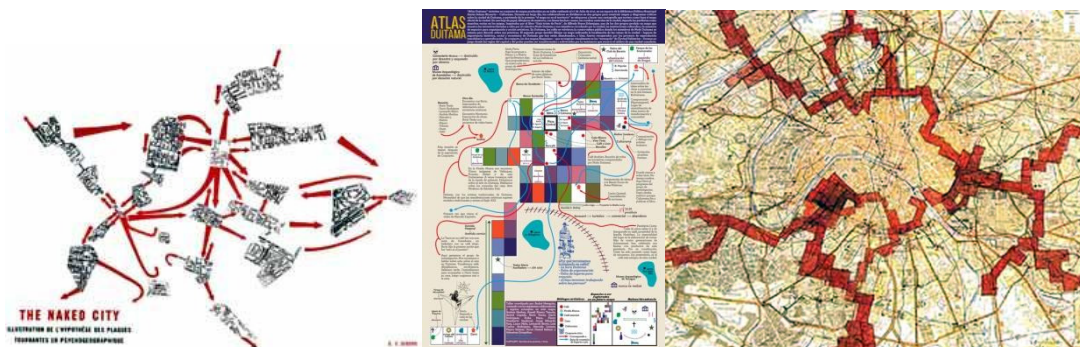


Foto aeres e plantas de São Paulo com destaque para o Pque Dom Pedro II



Outras formas de mapeamento

- Seleção de alunos: ficha de inscrição, autorização dos pais, entrevistas

Após a da palestra de comunicação do projeto, os alunos interessados em participar das oficinas receberam uma ficha para a inscrição na qual apontava os melhores horários para poder frequentá-las. Também, era necessária uma autorização dos pais ou responsáveis, pois uma vez por semana os alunos permaneceriam além do horário das aulas saindo do prédio da escola no final da tarde.

O número de alunos interessados ficou em torno de 35, um pouco acima dos 30 que pretendíamos, portanto todos foram selecionados já que contávamos com alguma evasão até o final de todo o processo.

Mesmo assim realizamos entrevistas individuais com todos eles. Consideramos interessante uma conversa particular antes de iniciar os trabalhos, tanto para conhecê-los,

como também eles conhecerem melhor o tipo de parceria que estava sendo firmada naquele momento, ou seja, gostaríamos de enfatizar a ideia de trabalho em grupo. A partir das inscrições definimos o dia da semana e horário para a atividade e o grupo de alunos que inicialmente contava com 33 participantes.

A seguir modelo da ficha de inscrição e autorização dos responsáveis para os estudantes do colégio participarem das oficinas:



Mapografias de São Paulo – Construção de mapas da cidade por estudantes do ensino básico da rede pública.

Ficha de inscrição

Nome do aluno: _____

Série: _____ RG: _____

Endereço residencial: _____ Nº _____

Complemento: _____ Bairro: _____

Celular () _____

Telefone residencial () _____

Disponibilidade de horário (marcar com "X")

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
---------	-------	--------	--------	-------

É um projeto de cultura e extensão realizado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – USP que consiste em praticar métodos de investigação sobre as representações de cidade feitas por jovens de escolas públicas. Trata-se de um grupo de trabalho composto por alunos de graduação em Arquitetura e Geografia, que monitorarão oficinas aos alunos da Escola Estadual São Paulo para a construção de mapas do cotidiano da cidade.

Essas oficinas acontecerão uma vez por semana, em dia ainda a combinar de acordo com a disponibilidade dos alunos. Serão realizadas sempre no período da tarde, sendo assim sem prejuízos às aulas.

Autorização

Eu _____ portador do RG

número _____ autorizo meu filho _____

_____ da _____ série _____ a participar do projeto Mapografias de São Paulo – Construção de mapas da cidade por estudantes do ensino básico da rede pública.

São Paulo _____ de _____ de 2013.

Assinatura do pai/ mãe ou responsável.

2.2 Oficinas

As oficinas ocorreram entre os dias 5 de abril e 12 de maio de 2013, às sextas-feiras das 13h às 17h00 em uma sala de aula normal da escola estadual. Elas começaram com 33 secundaristas participantes e foram coordenadas pelo professor responsável pelo projeto com o auxílio de dois bolsistas do programa, ambos os alunos do curso de Geografia da USP. A proposta foi desenvolver mapas, desde os de localização até os de percepção do ambiente urbano.

Os trabalhos foram basicamente de representações bidimensionais em técnicas variadas, mas em um escopo restrito: desenho sobre planta da cidade, desenho com traços, colorido e colagem. Não que a proposta inicial limitasse as técnicas de representação, ao contrário, prevíamos a possibilidade de produzir modelos tridimensionais. Entretanto, a limitação do número de bolsistas e a ausência de estudante de arquitetura entre eles, somada ao fato (e esse sim decisivo) de que mais importante para o trabalho foi registrar a percepção que os adolescentes têm da cidade do que fornecer a eles instrumental de representação gráfica, nos direcionaram para um encaminhamento focado no registro das impressões do cotidiano.

O material utilizado nas oficinas foi fornecido pela diretoria da FAU:

Lista de materiais

1. Papel

Sulfite bloco para diário gráfico: 50 fls X 25

Sulfite folhas A0 ou bobina: 20 fls ou 20 m

Craft e color-plus (variados): 20 fls

Manteiga: 25 fls

2. Grafadores

50 lapis 6B

3 jogos de lápis de cor com 12 cores

3 jogos de hidrográficas com 12 cores

3 pincéis redondos finos

3 trinchas de ½ polegadas

12 tubos de tinta acrílica escolar – 3 (am, vm, az e pt)

3. Diversos

5 Estiletes escolares

3 Tesuras para papel

3 Apontadores

4. Adesivos

Cola branca 1lt

Fita crepe 5 rolos média

Fita isolante 3 rolos

Durex 3 rolos grosso

5. Bases de trabalho

Mapas impressos: 50 A4 Parque D. Pedro e entorno / 3 grandes (cidade, zona leste e centro)

Fotos aéreas impressas: Cidade, zona leste e centro

Programação e realização em cada encontro com os estudantes do Colégio São Paulo:

1 – 05/04/2013

Programação

- Conversa: Apresentação da ideia e os métodos de trabalho. Expor o que é uma planta e como é lida, da mesma forma um mapa e as possibilidades de leituras diversificadas.

Ex: - marcar em plantas os percursos cotidianos
- qualificar e 'narrar' os percursos graficamente

Realização

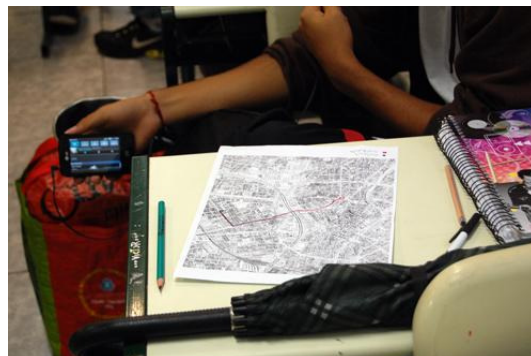
Primeiramente fizemos uma exposição do que ocorreria ao longo do processo de 6 encontros, os estudantes participantes já haviam assistido a palestra feita ao coletivo de alunos da escola e também das entrevistas, ou seja, já tinham informações iniciais sobre a atividade.

Sucintamente foi colocado o que é uma planta da cidade, a utilizada foi a produzida pelo GEGRAM em 77 e plantas cadastrais de PMSP. Explicamos quais informações elas continham e como podemos lê-las. Em seguida mostramos outros tipos de representação do território e a importância de trabalharmos também com elas para entendermos a cidade e seus usos.

Posteriormente iniciamos as atividades práticas propondo a cada aluno que marcasse em uma planta fornecida a eles, os percursos de suas casas ao Pque. Dom Pedro e ao colégio.

Muito rapidamente eles se localizaram e procederam com o exercício. Não tiveram a mesma facilidade com o segundo exercício. Foi fornecido a cada um longo papel horizontal (tipo formulário contínuo) para que desenhassem os elementos marcantes ou referenciais em cada percurso, considerando a proporção das distâncias entre eles.

Eles pediram para concluir esses desenhos em casa e trazer no próximo encontro.



Oficina 1 - 05/04/2013

2 – 12/04/2013

Programação

- Memória: Mapas que trabalham a relação história/geografia, os marcos históricos e referenciais.

Ex: - Pesquisa e diversidade gráfica dos exs anteriores, os percursos
- Aproximação com o tema o lugar PDP: geografia e história

Realização

O tema geografia e história do lugar foi tratado a partir da apresentação de mapas históricos da cidade para entendermos a ocupação da Várzea. Com a plantas do sítio natural de São Paulo do Prof Aziz Ab'Saber, mostramos aos participantes a topografia e o percurso do rio Tamanduateí com as transformações ocorridas na retificação e drenagem da várzea para a ocupação urbana.

Foi muito interessante a discussão do tema em confronto com os desenhos que os estudantes realizaram demarcando os percursos com os elementos referenciais da paisagem, especialmente porque nenhum deles representou o rio. Ou seja, para eles que convivem diariamente com aquele ambiente, o rio não é visível (!).

A atividade prática consistiu da criação de um mapa coletivo juntando todos os percursos de casa ao colégio, por esta via saímos da escala do centro de São Paulo para a escala do *locus* Pque D. Pedro.

Este mapa foi construído a partir da projeção da planta ampliada que haviam trabalhado no exercício anterior para que o parque fosse mais presente sem, contudo, perder a relação com as outras áreas da cidade.



Oficina 2 - 12/04/2013

3 – 19/04/2013

Programação

Deriva: Passeio pelo Parque D. Pedro II: produzir roteiros e organização do grupo)

Realização

Antes de sairmos para o caminhar pelo parque definimos algumas situações para o percurso, a ideia não era definir um roteiro fixo, mas sim deixá-lo flexível para obtermos um resultado de deriva. Enquanto tal traçou-se algumas metas, o rio, o antigo Palácio da Industrias (atual Cata-vento), mas deixamos o grupo livre para fazer o percurso a partir das motivações e curiosidades sobre as ocorrências no caminho. Para que tivéssemos segurança no percurso ao ponto de vasculhar diferentes cantos da imensa área, a direção da escola exigiu o acompanhamento da guarda municipal, dois policias nos acompanharam a uma certa distância. A medida foi necessária para que não tivéssemos surpresas desagradáveis com um grupo de adolescentes em uma área tão hostil e, também, para que não ficássemos intimidados perante as situações inevitáveis neste tipo de atividade. Mesmo assim, as áreas sob os viadutos no extremo sul do parque foram evitadas por decisão dos próprios estudantes alegando que era onde se localizavam os pontos de venda de drogas, a área “mais perigosa” do parque, a própria guarda municipal endossou a decisão dos estudantes.

A atividade, ao retornarmos da deriva, prática resumiu-se em traçar no mapa da área os percursos realizados



Oficina 3 - 19/04/2013

4 – 26/04/2013

Programação

- Mapa: Traçar mapas do PDP

Ex: - Mapas PDP (os caminhos percorridos / coleta de materiais (fotos, desenhos, frotagens, objetos...))

Realização

O quarto encontro foi dedicado à construção de mapas do Pque Dom Pedro II. O objetivo era a representação da experiência com o lugar, tanto dos vestígios do antigo parque e sua arborização, quanto toda a decadência do espaço de lazer convertido agora em suporte de sistema viário que o atravessou sem gerar novas urbanidades. Aspectos como a frequência dos moradores de rua, a grande quantidade de lixo e entulho, a degradação dos antigos equipamentos (alguns dos secundaristas ouviam histórias dos alunos mais velhos jogarem futebol em um campo lá existente), foram os mais relevados pelos adolescentes em sua percepção do lugar.

As discussões sobre a deriva anteciparam grande parte do conteúdo previsto para o próximo encontro e tomaram grande parte do tempo de trabalho. Mesmo assim foram ensaiados os primeiros mapas perceptivos do parque. Estes primeiros desenhos partiram da ampliação da área do parque para compor um suporte de trabalho para os mapas temáticos previstos para a sequência das oficinas. Para esta ampliação os estudantes preferiram tomar como base as fotos aéreas por entenderem que eram uma representação mais detalhada da realidade física.



Oficina 4 - 26/04/2013

5 – 03/05/2013

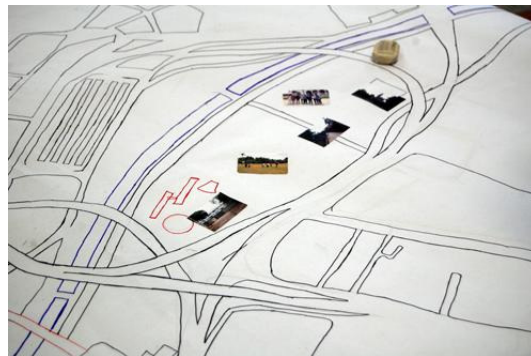
Repertório: Discussão aprofundada da experiência com o lugar. Incentivar tanto o aprofundamento temático como o técnico-gráfico (ou mesmo o tridimensional)

Realização

As discussões previstas para este encontro foram antecipadas na semana anterior. O passeio pela área e o estímulo à percepção crítica do lugar provocaram certa excitação nos participantes, ao ponto de provocarem desde o início da quarta oficina um debate sobre a experiência.

Portanto, avaliamos que era o momento nesse quinto e penúltimo encontro iniciarmos os trabalhos com os mapas temáticos, assim chamados por proporem registros críticos de condições específicas do ambiente. Tal especificidade foi definida pelos próprios estudantes. Foram dadas algumas possibilidades, como “lugares de encontro”, ou “lugares de perigo”, no entanto a interpretação das sensações que a deriva proporcionou ficou por conta deles. Uma vez que tais mapas continham maior complexidade e, principalmente, porque a proposta era que fossem resultados de experiências e debates, este exercício foi proposto em grupo. Foram formados três grupos, só induzimos que eles se agrupassem em torno de questões comuns, a partir disso os grupos se constituíram espontaneamente.

Interessante registrar as linhas abordadas pelos três grupos. Um deles fixou-se nas condições físicas atuais do parque, destacando o lixo e a presença de situações de risco. Outro foi por uma via totalmente diversa, representar o parque pelo seu caráter lúdico e aprazível, considerando que seu estado atual é uma perversidade da cidade e que ele deveria retornar a ser de fato um parque com suas árvores e o rio atravessando-o e definindo seu desenho. O terceiro grupo fixou-se em um desenho mais das estruturas edificadas do parque, o próprio colégio, o Catavento e a estação do metrô.



Oficina 5 - 03/05/2013

6 – 17/05/2013

Programação

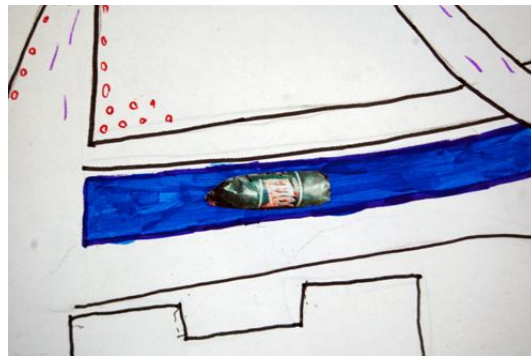
- Mapas temáticos: Encontro – sociabilidade / riscos / utopias

Realização

O último encontro foi dedicado à finalização dos mapas temáticos iniciados duas semanas antes. Para o último dia de oficina decidimos por um tempo maior de intervalo entre as atividades para que os membros de cada grupo se encontrassem e refinassem as questões a serem abordadas e as técnicas gráficas para fazê-lo. Tal medida não se mostrou muito eficaz, eles pouco desenvolveram os trabalhos iniciados e até dispersaram, grande parte dos estudantes do terceiro grupo não compareceu e todos consideraram muito difícil representar tudo o que eles discutiram no encontro anterior. Ao final os três estudantes deste grupo que estavam presentes foram incorporados pelos outros dois grupos no trabalho executivo.

Uma das razões para o intervalo de duas semanas foi dar tempo para o progresso executivo dos mapas para que no último encontro pudéssemos colher depoimentos dos participantes. Estes depoimentos estavam previstos desde o início e objetivavam compor um material de pesquisa mais abrangente para análise do Grupo de Estudo Mapografias Urbanas da FAU. Após a finalização dos trabalhos com os mapas conseguimos reservar a última hora e meia para esta conversa com os secundaristas.

Ela girou em torno de três questões básicas que lançamos a eles para iniciarmos os depoimentos. A primeira (óbvia e necessária), o que eles tinham achado da experiência no trabalho realizado? A segunda era uma continuidade natural da primeira, se eles podiam identificar alguma mudança em relação a como percebiam a cidade após a participação nas oficinas? A terceira um pouco mais reflexiva, qual seria o ambiente idealizado para a escola inserida no parque?



Oficina 6 - 17/05/2013

2.3 Pós-produção

O previsto pelo projeto seria um trabalho de pós-produção durante os meses de junho e julho. Este trabalho seria composto pelo tratamento digital dos mapas desenhados pelos participantes das oficinas, bem como pela transcrição dos depoimentos gravados no último encontro.

Ao final das oficinas todos os desenhos foram digitalizados, os em formato A4 em scanner de mesa, os grandes por meio de fotografia digital. O pouco trabalho de tratamento das imagens equalizando contraste e cores foi executado pelos membros do GeMAP. Os bolsistas originários da geografia não detinham conhecimentos para tal tarefa.

Estava prevista uma exposição dos trabalhos na E. E. de São Paulo, o período de férias com o decorrente distanciamento das atividades, esfriou o ímpeto dos estudantes secundaristas em realizá-la. Quando retomamos as conversar com a direção da escola em agosto, ela argumentou dificuldades materiais e administrativas para a realização da exposição. Ao final ela foi cancelada, contudo todo o material produzido foi registrado e incorporado ao acervo do GeMAP para pesquisa e referencial para novas edições do projeto de extensão. Fornecemos uma cópia impressa em tamanho A4 para biblioteca da escola.

3. Participação dos bolsistas

O projeto “MAPOGRAFIAS DE SÃO PAULO – Construção de mapas da cidade por estudantes de segundo grau da rede pública” contou com a participação de dois bolsistas do curso de Geografia, Viviane Alves Vieira e Leandro Alves Gomes. A solicitação no projeto era de cinco e esperava-se ao menos um do curso de Arquitetura. Os voluntários do GeMAP tiveram participação limitada pois estavam envolvidos com trabalho final de graduação.

Uma vez definida a equipe enxuta para o trabalho tratamos de montar uma programação e um cronograma de trabalho factível. Por um lado, reduzimos as oficinas de oito para seis, outros motivos também influenciaram nesta decisão como já explicamos anteriormente. Por outro lado, definimos exatamente todas as etapas de trabalho e suas demandas, desde os primeiros contatos com as escolas da rede pública à finalização das oficinas.

Os dois bolsistas participaram de todas as atividades. Antes de iniciarmos os procedimentos mais executivos foram feitas reuniões (expositivas) sobre os conteúdos e métodos desenvolvidos pelo GeMAP, grupo de estudos originário do projeto, que seriam aplicados nas oficinas. Estas reuniões objetivavam a instrumentalização conceitual e prática dos bolsistas.

Após estas reuniões, os bolsistas foram incumbidos das pesquisas iconográficas para substanciar as exposições no início de cada oficina, paralelamente realizaram os contatos institucionais e as reuniões com a escola escolhida para o projeto. Durante toda a fase preparatória os bolsistas estiveram presentes e atuante, sendo necessário frisar o envolvimento bem maior de Leandro. A bolsista Viviane algumas vezes ficou impedida de participar de reuniões alegando outros compromissos agendados, no entanto cumpriu todas as tarefas sob sua responsabilidade.

Os bolsistas acompanharam todas as oficinas e em vários momentos de forma bastante ativa, novamente destacamos a participação de Leandro muito envolvido com os trabalhos dos secundaristas, claramente está se preparando para assumir futuramente a docência.

Após o término da atividade com oficinas no colégio São Paulo, houve certa diminuição do ritmo e da dedicação ao projeto por parte dos bolsistas. As razões podem ser várias, o desinteresse por um trabalho mais sistêmico de organização dos resultados das oficinas, ou mesmo o fato que depois da grande vibração que foi a realização dos trabalhos práticos vem certo esfriamento na empolgação. O fato de eles não terem muito conhecimento na área das gráficas digital, já acusado anteriormente, provavelmente foi o maior deles.

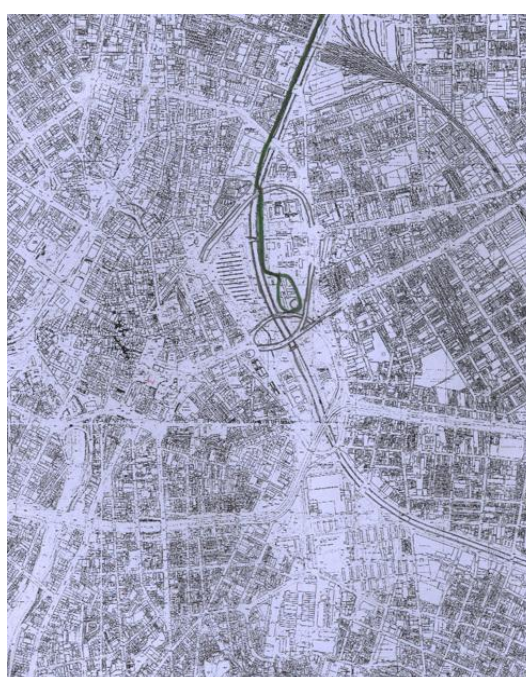
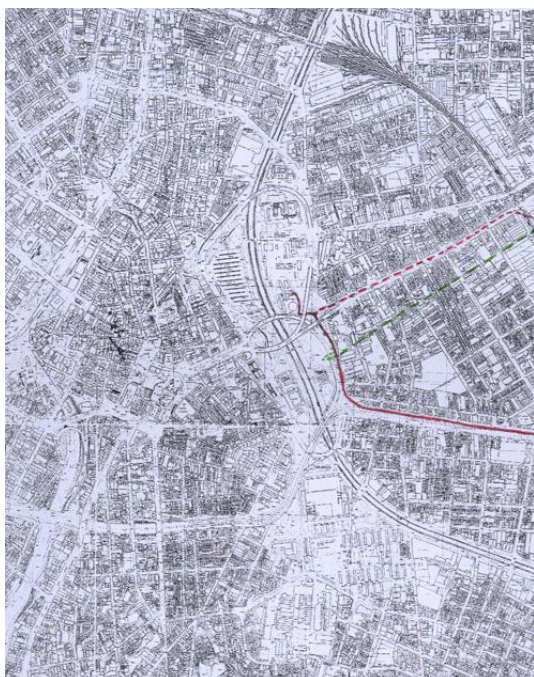
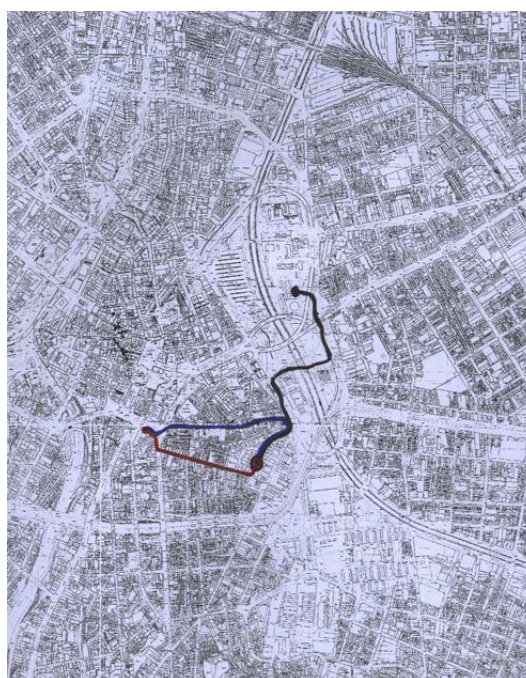
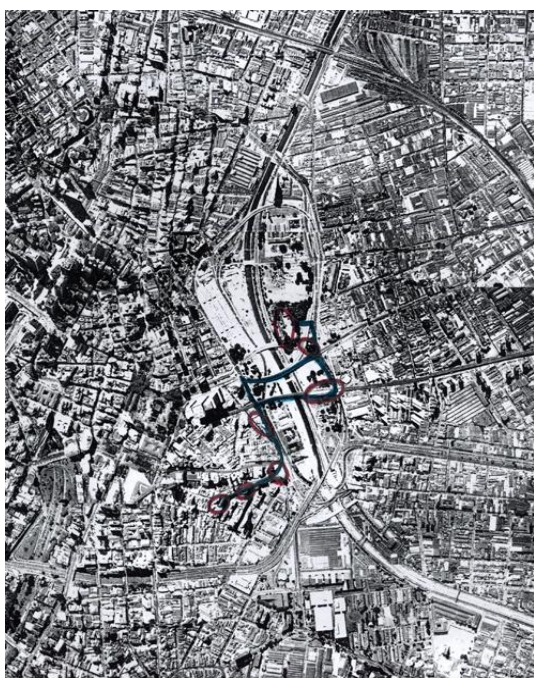
Contudo, avaliamos de forma muito positiva a participação dos bolsistas no projeto e reconhecemos a inviabilidade de toda a atividade sem a colaboração dos dois.

4. Resultados

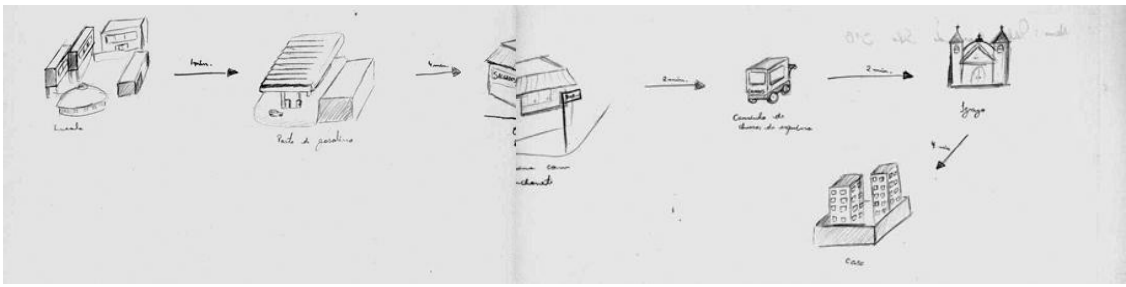
Do ponto de vista prático o projeto possibilitou experimentações muito significativas a todos os envolvidos, professor responsável, bolsistas e estudantes de ensino médio, no sentido de entendimento e reflexão sobre o ambiente de nossa cidade. Verificamos isto na produção de mapas durante as oficinas e nos depoimentos dos participantes ao final dela.

Entretanto dois outros aspectos devem ser apontados como resultados das atividades propostas, o primeiro em relação ao trabalho de extensão universitária. Neste sentido o trabalho com alunos de ensino médio da rede pública é de grande profundidade, primeiro pelo contato com pesquisas acadêmicas e conteúdos que oferecem ao estudante perspectivas em relação às escolhas de carreiras na mesma proporção que abre horizontes para a reflexão numa idade fundamental, com ênfase próprio senso de cidadania e participação.

Mais um dado em relação aos resultados tem reflexos em outra área da Universidade, o de pesquisa. Todo o material produzido nas oficinas tem enorme potencial para as pesquisas do Grupo de Estudos Mapografias Urbanas. Este material ainda deve ser processado e discutido, mas pode subsidiar investigações nas áreas de percepção urbana, urbanismo e representação gráfica.



Mapas de percursos diários



Mapas de referências na paisagem



Mapa coletivo de chegada ao Pq. Dom Pedro II



Mapas temáticos